

O preto ao cubo branco: "dos pesos que se carrega"

*The Black in the White cube: "of the weights
that we carry"*

FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO* & KARINA PEREIRA DA SILVA**

Artigo completo submetido a 03 de janeiro de 2019 e aprovado a 21 janeiro de 2019

*Brasil, pesquisador/artista visual.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Faculdade de Educação (FACED), Departamento de Educação. Campus Universitário — Rua José Lourenço Kelmer, s/n — São Pedro, Juiz de Fora — MG, 36036-900, Brasil. E-mail: francioneoliveiracarvalho@gmail.com

**Brasil, pesquisadora/artista visual

AFILIAÇÃO: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Instituto de Artes e Design (IAD). ua José Lourenço Kelmer, s/n — Campus Universitário Bairro São Pedro — CEP: 36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: karinapereira@outlook.com

Resumo: O artigo reflete sobre um recorte da produção do artista visual Matheus Assunção, nascido em 1993 na cidade do Rio de Janeiro. O artista explora as interfaces entre a performance a fotografia, o vídeo, e a relação entre corpo/sexualidade/gênero dissidentes e as marcas do tráfico negreiro. A partir dele é possível diálogos e conexões com todo um coletivo de artistas afrodescendentes surgidos na última década no Brasil que questionam a institucionalização da arte e renovam práticas artísticas, temáticas e as práticas de circulação de obras.

Palavras chave: Matheus Assunção / arte afrodescendente / corporeidade.

Abstract: *The article reflects on a section of the artistic production of the visual artist Matheus Assunção, born in 1993 in Rio de Janeiro. The artist explore the interfaces between performance art, photography, video and the relation between body/sexuality/gender dissidence and the marks of the slave trade. From this, dialogues and connections are possible with an entire collective of afrodescendant artists who emerged in the last decade in Brazil and who contest the institutionalization of art and renew artistic practices, themes and the ways art works circulate.*

Keywords: *Matheus Assunção / afrodescendant art / corporeity.*

Introdução

O trabalho colaborativo é um procedimento muito presente na arte contemporânea porque ele promove o encontro de pessoas, ideias e talentos. Reunidos para trabalhos contínuos ou pontuais os coletivos possibilitam novas maneiras de criar arte e cultura e propor fricções no espaço público tal como o trabalho desenvolvido pelo Coletivo Descolônia, que reúne alunos, ex-alunos e professores do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. De caráter transdisciplinar o coletivo questiona a escassez da temática no currículo vigente, estimula e difunde a produção artística de criadores negros e negras na região da zona da mata mineira e promove ações no espaço urbano que problematizam o racismo na sociedade brasileira.

Segundo Assunção (2018), o Coletivo Descolônia é resultado de encontros promovidos em 2016 por um grupo de alunos, a grande maioria beneficiários de ações afirmativas, políticas de reparações étnico-raciais promovidas pelo Estado Brasileiro a partir do primeiro governo do ex-presidente Lula da Silva. Naquele momento, os encontros tornaram-se um espaço de “compartilhamento de experiências sobre ser negro e estar numa universidade pública de maioria branca” (Assunção, 2018:132). Ao lembrar destes encontros Assunção (2018:133) afirma:

É interessante perceber como é ainda um processo doloroso e cansativo tratar sobre a temática afrobrasileira e como isso implica em mexer em um passado escravocrata que ainda não foi superado em nosso contexto brasileiro. Falar sobre descolonização implica em repensar uma nova universidade, pois seu estado atual se estrutura em um pensamento hegemônico de origem branca e europeia.

Em 2017, com o apoio da Prof. Dra. Eliane Bettocchi que cedeu o espaço do Laboratório Interdisciplinar de Linguagens do Instituto de Artes da UFJF o Coletivo Descolônia foi oficialmente fundado. No ano seguinte, produziram a exposição “Preto ao Cubo”, na Galeria Guaçuí em Juiz de Fora.

A mostra reuniu obras de 24 artistas (Figura 1) e teve a curadoria de Eliane Bettocchi e Karina Pereira. As obras tratam dos mais diversos temas que passam às experiências de negritude vivenciadas no Brasil e apontam temáticas caras aos jovens criadores afrodescendentes no país, tais como as questões de gênero e sexualidade, colorismo, colonialidade, genocídio da juventude negra brasileira e representatividade.

Essa variedade de abordagens refletiu também numa variedade de poéticas e procedimentos artísticos, tais a pintura, a escultura, a performance, a instalação, a videoarte, o lambe-lambe, o graffiti e a fotografia. Nesse texto pretendemos refletir sobre a obra de Matheus Assunção (1993), um dos artistas que participou da exposição “Preto ao Cubo”.



Figura 1 · Artistas do Coletivo Descolônia que integraram a exposição Preto ao Cubo, 2019. Foto divulgação: Paula Duarte.

Desenvolvimento

Nascido no Rio de Janeiro e de formação interdisciplinar, Matheus Assunção explora as interfaces entre a performance, a fotografia e o vídeo, ficando explícita a relação entre o corpo/sexualidade/gênero dissidentes e as marcas do tráfico negreiro no Brasil tal como vemos em *Dos pesos que se carrega*, 2018 (Figura 2 e Figura 3) e *Ori gem*, 2016 (Figura 4).

Da escravidão, no início do período colonial, até os dias que correm, as populações negras brasileiras têm sofrido como já apontava Nascimento (2016) na década de 1970, um genocídio institucionalizado e, sistemático, embora silencioso. Entretanto, cada dia mais denunciado e combatido pelos ativistas afrodescendentes e defensores dos direitos humanos, a “necropolítica” (Mbembe, 2018), entendida como “direito de matar” ou definir o direito à vida é uma forma contemporânea que fantasmagoriza a subjetividade e a vivência negra.

A violência vivenciada há séculos por negros e negras fará com que na literatura, na filosofia, na política e na arte, o discurso negro seja dominado, segundo Mbembe, (2018) por três acontecimentos: a escravidão, a colonização e o apartheid. No caso brasileiro, acrescentaríamos ainda, a política do branqueamento e o discursodademocraciaraacial. A “separação desimesmo edoseu grupo” (Mbembe, 2018:143) é uma constante na produção visual afrodescendente brasileira,



Figura 2 · Vídeo da Performance "Dos pesos que se carrega" 2017. Matheus Assunção. Fotografia: Washington da Silva.

Figura 3 · Artistas do Coletivo Descolônia que integraram a exposição Preto ao Cubo, 2019. Foto divulgação: Paula Duarte.

Figura 4 · Registro da série "Ori gem" (2016), Matheus Assunção. Acervo do artista.



Figura 4 · Registro da série “Ori gem” (2016), Matheus Assunção. Acervo do artista.

consequentemente na obra de Matheus Assunção. Nesse contexto, o corpo negro assume protagonismo enquanto memória suturada e suporte artístico.

Imagens psíquicas entrelaçam-se para constituir a memória e surgirem no campo simbólico e da representação. Na arte, mais importante que a verdade é a forma como a memória reorganiza e representa essas imagens, “o jogo de símbolos e a sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos atos falhos e os lapsos, em suma, a resistência à admissão” (Mbembe, 2018:187)

Os marcadores de africanidades como apontam Carvalho & Teodoro (2017) são fundamentais para pensarmos as epistemologias e as estéticas afrocentradas, a criação e a reflexão de conhecimento que tem na experiência afro-brasileira a base filosófica e epistemológica de suas atuações. As questões sobre a corporeidade negra como as características físicas étnico-raciais, a incorporação de estereótipos e imaginários racistas presentes desde os tempos coloniais e reforçados por teorias filosóficas e científicas excludentes baseadas na inferiorização racial são problematizadas nas obras de Matheus Assunção porque são memórias e discursos que persistem e marcam o seu corpo enquanto sujeito negro. Pois como diz Silva (2014) no Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre negros ocorrem não somente em decorrência



Figura 5 · Matheus Assunção, *Bixa Estranha* (2018), instalação. Acervo do artista.

Figura 6 · Matheus Assunção, *Bixa Estranha* (2018), instalação. Acervo do artista.



Figura 7 · Matheus Assunção, da série *Bixa Brasilis* (2018), Desenho digital. Acervo do artista.

Figura 8 · Matheus Assunção, da série *Bixa Brasilis* (2018), Desenho digital. Acervo do artista.

de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, “mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negar” (2014:31).

O corpo como contestação e resistência amplia sua força quando além das questões étnicas agregam-se às de gênero e dissidências sexuais. Um corpo que não se ajusta a uma cisheteronormatividade gerando um discurso de força por meio do desvio como vemos na série *Bixa Estranha*, 2018 (Figura 5 e Figura 6) e na série *Bixa Brasilis*, 2018 (Figura 7 e Figura 8).

As imagens de Matheus Assunção apresentam um corpo que se reconstrói a partir de referências afro-brasileiras, indígenas, urbanas que fogem as categorizações e classificações. Referenciado por mitos, imaginários e religiosidades que valorizam o corpo como fonte e produtor de conhecimento e procuram desenvolver todos os cinco sentidos em experiências sensíveis e estéticas. Um corpo que tal como nas tradições africanas e indígenas integram o mundo natural e o mundo espiritual. Folhas de guiné, espadas de Ogum, raízes e ervas que protegem contra energias negativas e aproximam os humanos da dimensão sagrada do invisível.

Conclusão

Matheus Assunção é um artista híbrido e inventivo. Essa inventividade faz com que explore suportes e técnicas variadas e assumam identidades plurais. Fruta Gogóia, *Bixa Estranha* podem tanto denominar séries e performances quanto identificar o artista em si. Entretanto, não é possível falar em heterônimos porque nos parece que a faísca que acende seu fogo criativo e se desdobra em alter egos variados originam-se da mesma fonte. Independente do nome que assumam é o mesmo artista que está ali. Entretanto, isso não é visto por nós como uma falha, mas como qualidade de um artista que consegue articular uma linguagem própria.

As produções artísticas de Matheus Assunção mobilizadas por questões que interseccionam gênero, raça, classe e dissidências sexuais marcadas por uma vivência periférica ganham potência e visibilidade via plataformas digitais. A internet é o principal método de divulgação de suas obras, característica comum aos jovens artistas negros brasileiros com menos de trinta anos. Além disso, é preciso apontar que os suportes explorados pelo artista, tais como a performance, a fotografia digital e o vídeo despontam como os mais utilizados pelos artistas negros e negras contemporâneos, principalmente, os mais jovens e moradores das grandes cidades brasileiras. Dessa forma, acreditamos que ao

olharmos com mais atenção para a obra deste artista estamos propondo diálogos e conexões com todo um coletivo de artistas afrodescendentes surgidos na última década que questionam a institucionalização da arte e renovam práticas artísticas, temáticas e de circulação de obras.

Referências

- Assunção, Matheus (2018). "Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto". *Revista Desvio: arte, memória e patrimônio*. V. 3. N.2. 2018.2. ISSN: 2526-0405. Disponível em URL: <https://revistadesvio.com/2018/12/18/edicao-atual/>
- Carvalho, Francione Oliveira & Teodoro, Thalita de Cassia Reis (2017). "Apartado — Sala 23: Memórias, afetos e corporeidade negra na formação de professores". , Belém, Edição Especial N.4 p. 73 a 92. ISSN: 2237-0315. Disponível em: <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/cocar>. Acesso 30 de dez. 2018.
- Mbembe, Achille (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições. ISBN: 978856694351-1
- Nascimento, Abdias (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas. ISBN: 978852731080-2
- Silva, Joyce Gonçalves da (2014). "Corporeidade e Identidade, o corpo negro como espaço de significação". In Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Salvador BA: UCSal, 8 a 10 de Outubro de 2014, n.3, v. 17. ISSN 2316-266X